

## RESISTINDO

DEBORAH SHOUSE

Quando criança, costumava acordar, vestir meu jeans e descer correndo a rua até a casa de Ann.

Hoje não me apresso. Passeio pela nossa antiga vizinhança, prestando atenção ao arbusto de murta cujas frutas Ann e eu costumávamos roubar, nas árvores de magnólia que ainda embelezam os gramados, no banco de cimento onde Ann e eu nos sentávamos para rogar pragas nos outros.

Respiro fundo e bato na porta da casa da família de Ann.

Seu pai chega à porta.

- Ela está no quarto - ele diz.

A entrada parece menor do que eu me lembrava.

- Entre - diz Ann, quando bato timidamente na porta.

Antes de girar a maçaneta, observo as fotografias que estão na parede do saguão: Ann sem os dois dentes da frente, Ann com um vestido amarelo de babados, Ann em cima de um cavalo, Ann em sua beca de formatura. Nos anos que passamos sem nos ver, acrescentamos às nossas vidas carreiras, maridos e filhos.

Nos últimos cinco anos, Ann vem lutando contra um câncer.

Ela parece frágil e bonita, apoiada nos travesseiros, numa camisola de cetim rosa. Um lenço vermelho lhe cobre a cabeça.

Um cigarro tremula em sua mão direita.

Quando tinha quatorze anos, Ann acordava e riscava um fósforo na parede para acender o primeiro cigarro do dia. Eu adorava ver as marcas de carvão pela superfície, como símbolos orientais. Decadente, eu pensava, sendo invejosa. Ela podia fazer o que quisesse porque seu pai nunca se zangava.

O pai de Ann entra no quarto, trazendo xícaras de chá de ervas.

- Você precisa de mais alguma coisa? - pergunta. Fios prateados agora suavizam seu cabelo, antes tão escuro.

Ann sorri e faz que não com a cabeça. Bate levemente na cama, indicando um lugar, e eu me sento a seu lado, abraçando-a gentilmente. Eu a seguro como se ela fosse um segredo se revelando.

- Veja só! Finalmente, estou mais magra que você - ela diz, rindo e esticando as pernas que agora parecem de criança em sua magreza.

A morfina que lhe permite sentar-se sem dor suavizou seu discurso. Mas seu riso é o mesmo. A doçura de seu rosto redondo é a de quando tinha quatro anos e nos tornamos amigas.

- Vamos ser melhores amigas? - Ann me perguntara. As duas em pé, apenas uma cerca nos separando. As famílias tinham acabado de se mudar para a vizinhança.

- Claro - respondi.

- Debbie, venha jantar - minha mãe chamou pela segunda vez.

Vi Ann descer a rua até sua casa, se inclinando para colher dentes-de-leão pelo caminho. Então atravessei o pátio, a grama nova beliscando meus pés. Eu me sentia como um balão que finalmente se soltara em direção ao céu. Algo importante acontecera: eu não dependia mais de pai e mãe para ser amada. Eu tinha uma amiga.

- Com licença, preciso ir ao banheiro - Ann diz.

Ela sempre me ganhava no revezamento. Agora ela caminha com cuidado, como se tivesse ovos nos bolsos. Penso em nós quando crianças, socadas no banheiro da casa, nos alternando, uma no vaso, a outra pendurada na lateral da banheira. Ir ao banheiro era o mesmo que jogar xadrez ou trocar a roupa de bonecas.

Não víamos motivo de nos separarmos naquele momento.

Mas nós nos separamos por anos, embora sempre em contato quando precisávamos de apoio e de uma boa conversa. Ela conhece minhas filhas sem jamais tê-las visto, e eu adoro seu marido pelo carinho e apoio que ele lhe dedica. Olho à volta de seu antigo quarto e vejo a prateleira com os velhos exemplares dos livros que teceram um caminho em nossa infância.

- Você quer ver minha cabeça? - Ann pergunta, quando volta ao quarto.

- Quero - respondo.

Seguro a respiração quando ela tira o lenço. Ann parece luminosa sem ele. A curva poderosa da cabeça é suavizada por algumas mechas de cabelo.

Toco meu próprio cabelo, lembrando as horas de agonia que passei enrolando-o, para ter as mesmas ondas suaves de Ann. Seu cabelo escuro sempre ondulava da maneira certa, enquanto o meu era um emaranhado de cachos.

- No início, eu estava com medo de andar sem a peruca.

Mas meu marido acabou gostando de me ver assim. Peguei-o olhando para mim e sorrindo - ela conta.

Lentamente Ann se ajeita na cama e, como fizemos tantas vezes, conversamos. Costumávamos falar sobre rapazes, agora falávamos de homens. Antes falávamos sobre a escola, agora o assunto era o trabalho. Falávamos sobre o que gostaríamos de ser e o que considerávamos importante: ainda fazemos isso.

Nossa história nos une, como berloques numa pulseira de prata.

Ann me fala de seu ano, no qual suportou dores terríveis, incapaz de comer, imaginando-se sem forças sequer para acabar a série de quimioterapia. Fico em silêncio ante sua coragem, admirada com sua força.

- Fale-me de você - ela insiste. - Sobre suas filhas.

Quando começo a falar, vejo seus olhos fechados e tremulando.

Também fecho os meus. Quando crianças, dormíamos juntas em muitos lugares diferentes: o banco de trás dos carros de nossos pais, sua casa de boneca perto da macieira, minha cama dupla, um cobertor estendido no gramado da frente.

Acordo sentindo um cobertor sobre mim. O pai de Ann está me cobrindo. Minha amiga já está sob uma colcha marrom.

- Você estava dormindo tão serena - ele sussurra. - Lembrei a época em que eram meninas.

Eu sinto ali aconchego e carinho. Observo Ann dormindo, reconhecendo seu rosto como uma canção familiar.

Ela abre os olhos e sorri para mim.

- Eu não teria adormecido na frente de uma pessoa qualquer - ela diz.

- Nem eu - retruco.

Chego mais perto e toco seu pulso. Lembro-me de nossas brincadeiras, quando nos dávamos as mãos e as crianças tentavam passar pela barreira que formávamos. Provocávamos Billy, que batia em nossas mãos grudadas. Conseguíamos nos manter firmes, mãos sempre unidas.

Ann segura minha mão. Seu rosto se crispa de dor. Entrelaço meus dedos com os dela e aperto firmemente.

Um amigo pode ser considerado a obra-prima da natureza.

RALPH WALDO EMERSON